



OF 05. Juventudes em movimento: vivências na cultura e no esporte

Coordenador(es):

Naara Lúcia de Albuquerque Luna (DCS e PPGCS/UFRRJ)

Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF)

Ministrantes:

Sessão 1:

Guilherme André Aderaldo (Ufpel)

Sessão 2:

Ilana Strozenberg (UFRJ)

A proposta desta oficina aberta, cujo público alvo são os próprios jovens - estudantes de ensino médio, preferencialmente - é possibilitar experiências de troca com os próprios jovens do que se tem sido produzido na antropologia assim como, promover o diálogo sobre a produção da antropologia com os que estão em processo de escolha profissional a partir rodas de conversa: duas tratando de produção cultural da juventude, especialmente na periferia, e uma última sobre aspectos socioculturais do esporte.

Cultura e ativismo nas periferias cariocas

Autoria: Ilana Strozenberg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro), Itamar Silva. Jornalista, líder comunitário, fundador do Grupo Eco Luiz Antonio de Oliveira. Diretor do Museu da Maré, do Centro de Estudos e Ações Solid

A partir do final da última década do século XX, o surgimento e proliferação de projetos culturais nas favelas e territórios periféricos dos grandes centros urbanos começa a alterar o mapa cultural das cidades. Criados e liderados por artistas, produtores culturais e ativistas locais, essas iniciativas, embora diversas, compartilham uma atitude comum: a valorização das expressões culturais dos territórios populares ? incluindo desde os saberes e práticas tradicionais até as manifestações mais recentes como o funk, o rap, o grafite e o passinho ? como instrumento fortalecimento de seus moradores e de luta contra a desigualdades e outras formas de exclusão. Com a participação de representantes de duas organizações culturais de favela, e de um projeto de extensão da UFRJ voltado para artistas, produtores culturais e ativistas de diferentes periferias cariocas, essa roda de conversa irá abordar suas experiências e percepções sobre o impacto dos projetos culturais na vida individual e coletiva das comunidades.

Roda de conversa: linguagem audiovisual e periferias urbanas

Autoria: Guilherme André Aderaldo (Pesquisador), Guilherme Aderado Doutor em antropologia - Universidade de São Paulo (USP) Pós-doutorando e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Feder

Nas últimas duas décadas, diante do incremento e da relativa popularização do acesso às ferramentas digitais de comunicação, uma expressiva quantidade de jovens habitantes de regiões periféricas do país, passou a se valer do uso de dispositivos audiovisuais como modo de construir formas renovadas de representação da fronteira centro/periferia. Neste sentido, as câmeras portadas por esses sujeitos tornam-se catalizadores de relações que buscam tornar visíveis processos mais abrangentes de produção de desigualdades, que envolvem a cidade como um todo e não apenas as suas margens. Tendo esta



constatação como pano de fundo, a proposta da roda de conversa será mostrar, a partir do diálogo entre pesquisas antropológicas e realizações audiovisuais recentes, o que essas produções "periféricas" têm a nos dizer sobre a paisagem desigual das cidades brasileiras contemporâneas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: